



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**RANIELI BATISTA DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO  
DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR  
E O PROCESSO DE INCLUSÃO**

**SUMÉ - PB  
2017**

**RANIELI BATISTA DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO  
DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR  
E O PROCESSO DE INCLUSÃO**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Educação do Campo do  
Centro de Desenvolvimento Sustentável  
do Semiárido da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciada em  
Educação do Campo.**

**Orientador: Professora Dra. Carolina Silva de Medeiros.**

**SUMÉ - PB  
2017**

S586d Silva, Ranieli Batista da.

O desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autista no âmbito escolar e o processo de inclusão. / Ranieli Batista da Silva. Sumé - PB: [s.n], 2017.

60 f.

Orientadora: Professora Dra. Carolina Silva de Medeiros.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Educação especial. 2. Transtorno do Espectro do Autismo. 3. Inclusão escolar. I. Título.

CDU: 376(043.1)

**RANIELI BATISTA DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO  
DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR  
E O PROCESSO DE INCLUSÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

**BANCA EXAMINADORA:**



Professora Dra. Carolina Silva de Medeiros.  
Orientadora – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professor Me. Emilson Ferreira Garcia Junior.  
Examinador I – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professor Dr. Isaac Alexandre da Silva.  
Examinador II – UAEDUC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 23 de maio de 2017.

**SUMÉ - PB**

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, e aos meus pais Jailton e M<sup>o</sup> Iêda, que sempre me apoiaram, me deram força para seguir e por sempre buscar dar o seu melhor para uma melhor educação a seus filhos.*

*Um agradecimento em especial aos meus irmãos por estar me apoiando e estar ao meu lado nos bons e maus momentos; A meus maravilhosos avôs e familiares que sempre me deram atenção, carinho e preciosos conselhos.*

*À professora Carolina pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho; A todos os professores que mim acompanharam durante a graduação.*

*A minha formação como profissional não poderia ter sido concretizada sem a ajuda de todos vocês, por essa razão, gostaria de dedicar e reconhecer a vocês, minha imensa gratidão e felicidade que estou sentido nesse momento.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por todas as bênçãos que ele me concedeu, por ser meu porto seguro em todas as horas difíceis e de fraquezas, e estar concluindo mais uma etapa importante em minha vida.

A meus pais, Jailton e M<sup>o</sup> Iêda por ser sempre minha base, aos meus irmãos, Rosi pelo apoio e confiança, Gean pelo amor e carinho (o melhor irmão do mundo), Raiane por acreditar em meu potencial, Isabela por ser meu maior incentivo para toda a vida, em especial ao meu cunhado Guga pelas contribuições nesta jornada acadêmica.

A minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Carolina Silva, pelo privilegio impagável de ser sua orientanda e por toda paciência, incentivo, ensinamentos e seu compromisso.

À Alysson meu companheiro que sempre se fez presente neste percurso me dando forças, incentivos e estar ao meu lado em todos os momentos tornando meus dias mais felizes.

Aos meus amigos e familiares por toda cumplicidade, união e apoio, em especial a minhas queridas Janine e Francieli agradeço pelos momentos especiais vivenciados juntas, ensinamentos, momentos em que me espelhei em vocês e pelas conquistas alcançadas, nossa amizade se constituiu para muito além da vida.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/UFCEG/CDSA pelos ensinamentos e lições, contribuições e seus compromissos na formação de novos profissionais, em especial aos professores Emilson Ferreira e Isaac Alexandre, pelo privilegio de tê-los na banca deste trabalho.

A professora, monitora e mãe da criança autista pela oportunidade de me permitir realizar este trabalho e toda a disponibilidade que despuseram nas informações, atenção e receptividade. A criança autista, a minha gratidão eterna por participar deste trabalho, por ser tão meigo e carinhoso e pelas suas contribuições. Minhas sinceras desculpas por ainda sabermos tão pouco sobre o autismo.

Enfim agradeço a todos que direta/ou indiretamente contribuíram nesta minha caminhada acadêmica e pessoal, em prol de um ser humano que possa contribuir para uma melhor educação para o nosso mundo, a todos o mais profundo agradecimento e um forte abraço.

*“Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.”*

*Augusto Cury*

## **RESUMO**

O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome comportamental que possui etiologias diferentes e características que apresenta prejuízos qualitativos e quantitativos na interação social, na comunicação e no comportamento. Entretanto, o seu desenvolvimento educacional inclusivo se constitui como um desafio a todos, tendo em vista que a inclusão escolar está apresentada como um sistema educacional de reestruturação das escolas, no qual se acredita que a inclusão escolar pode proporcionar oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. Este estudo teve por objetivo identificar e analisar o processo de desenvolvimento da criança com TEA no âmbito escolar. Para tanto foi desenvolvido um estudo de caso realizado na Escola Municipal da cidade de Amparo-PB, que tem entre seus alunos uma criança com TEA. Para obtenção dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a professora, a monitora e a mãe da criança e observações na sala de aula e no intervalo escolar. Os resultados das análises do estudo contribuíram para entendermos como acontece o desenvolvimento da criança com TEA no âmbito escolar e o processo de inclusão. Sugerem-se novos estudos sobre a intervenção, o preparo/formação dos professores e a relação família-escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista. Inclusão escolar. Desenvolvimento.

**ABSTRACT**



Autistic Spectrum Disorder is a behavioral syndrome that has different etiologies and characteristics that present qualitative and quantitative impairments in social interaction, communication and behavior. However, its inclusive educational development is a challenge for all people, since school inclusion is presented as an educational system of school restructuring, in which it is believed that school inclusion can provide opportunities for learning and development. This study is aimed to identify and analyze the developmental process of the child with ASD in school. For that, a case study was developed at the Municipal School of the city of Amparo-PB, which has among its students a child with ASD. To obtain the data, we conducted semi-structured interviews with the teacher, the monitor and the mother of the child and observations in the classroom and in the school interval. The results of this study analysis contributed to understand how the development of the child with ASD in school and the process of inclusion occurs. We suggest new studies on intervention, teacher training and family-school relations.

**KEYWORDS:** Autistic Spectrum Disorder. School inclusion. Development.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABRA** - Associação Brasileira de Autismo

**Art.** - Artigo

**ASA** - Associação Americana de Autismo

**DSM-IV** - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

**LDBN** - Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**MEC** - Ministro da Educação e Cultura

**SEEP** - Secretária de Educação Especial

**TEA**- Transtorno do Espectro do Autismo

**TID** - Transtorno Invasivo do Desenvolvimento

**TGD** – Transtorno Global do desenvolvimento

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1</b> - Caracterização dos profissionais participantes deste estudo.....	28
<b>TABELA 2</b> - Dados dos genitores.....	28
<b>TABELA 3</b> - Dados da criança.....	29

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERÊNCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Autismo: definição .....</b>	<b>13</b>
2.1.1	Etiologia.....	14
2.1.2	Desenvolvimento da Criança com Transtorno do Espectro Autista.....	16
<b>2.2</b>	<b>Autismo e educação inclusiva .....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipo de estudo .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>Local de estudo.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3</b>	<b>Participantes.....</b>	<b>25</b>
<b>3.4</b>	<b>Instrumentos.....</b>	<b>25</b>
<b>3.5</b>	<b>Procedimentos para coleta de dados e análise.....</b>	<b>26</b>
<b>3.6</b>	<b>Procedimentos para análise dos dados .....</b>	<b>27</b>
<b>3.7</b>	<b>Categoria de Análise .....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>34</b>
<b>4.1</b>	<b>Análise das Entrevistas .....</b>	<b>34</b>
<b>4.2</b>	<b>Análise das Observações .....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>52</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome comportamental que possui etiologias diferentes e características que apresenta prejuízos qualitativos e quantitativos na interação social, na comunicação e no comportamento. Considerando tais prejuízos questiona-se como ocorre o processo de inclusão de crianças com TEA o seu desenvolvimento na educação inclusiva se constitui como um desafio para todos os envolvidos (escola e família), onde o processo inclusivo propicia benefícios. Diante de alguns estudos percebe-se que a inclusão de alunos com autismo no ensino regular pode ampliar os conhecimentos e formas de ensinar a aprender entre os envolvidos, sendo um desafio a todos os profissionais envolvidos da educação.

A inclusão escolar está apresentada como um sistema educacional de reestruturação das escolas e com objetivo de atender a todas as crianças especiais, promovendo interação e desenvolvimento. Bosa (2006) destaca as evidências de que a providência precoce de educação formal, a partir dos dois aos quatro anos, aliada à integração de todos os profissionais envolvidos, tem alcançado bons resultados. Como também alguns estudos mostram que a escola é um lugar ideal para promover espaços de aprendizado e convivência para todas as crianças, onde o ambiente escolar proporciona possibilidades de participação, comunicação, interatividade, aprendizagem e construção da subjetividade. De acordo com Camargo e Bosa (2012), o contexto escolar oportuniza contatos sociais, favorecendo o desenvolvimento da criança com TEA assim como o das demais crianças, na medida em que convivem e aprendem com as diferenças.

O presente estudo surgiu a partir de um diálogo com a mãe da criança com TEA, onde a mesma relatou as dificuldades encontradas no desenvolvimento de seu filho, daí me despertou a curiosidade de como vinha ocorrendo este processo, assim como também um modo de poder contribuir para uma melhor educação, tendo como intuito nesta pesquisa analisar o desenvolvimento da criança com Transtorno Espectro do Autista no âmbito escolar e o processo de inclusão. Considerando que a inclusão escolar é determinada por leis, algumas escolas encontram dificuldades para atender estas crianças com necessidades especiais, dificultando o desenvolvimento escolar. Este estudo foi realizado na escola municipal da cidade de Amparo-PB, que tem em seu quadro de alunos uma criança com autismo.

Neste sentido, este trabalho teve como objetivo geral analisar o preparo de professores de educação inclusiva para promoção do desenvolvimento (cognitivo) de crianças autistas e como objetivos específicos verificar como a escola se adaptou ao incluir no âmbito

escolar esta criança com TEA, compreender o antes e o depois da inclusão na escola, os avanços que ocorreu, assim como acontecendo este processo de inclusão.

Para realização deste estudo foi utilizado o método de estudo de caso descritivo-analítico, e para coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada, com a mãe da criança autista, a professora e a monitora; e observações na sala de aula a no intervalo escolar.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo traz o referencial teórico, que aborda a definição de autismo, a etiologia, o desenvolvimento da criança com o transtorno do espectro autista,finalizando ao discutir sobre o autismo e a educação inclusiva.

O segundo capítulo, corresponde aos objetivos: o objetivo geral e os objetivos específicos. No terceiro capítulo, que corresponde à metodologia, apresentam-se o tipo de estudo, o local de estudo, os participantes, os instrumentos utilizados, os procedimentos para coleta de dados.

O quarto capítulo traz os resultados e discussões da pesquisa, a análise das entrevistas e as análises das observações, e por fim no quinto e último capítulo são tecidas as considerações finais quemostram os principais achados da pesquisa e apresenta sugestões de futuros estudos.

A seguir serão abordados aspectos relacionados ao TEA e a inclusão escolar.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 2.1 Autismo: definição

O autismo é um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), no qual é caracterizado por dificuldades na interação social, na comunicação, e também no comportamento, que, muitas vezes, é repetitivo e estereotipado (KLIN, 2006).

Primeiramente, a definição do autismo infantil foi dada em 1943, por Kanner, o qual se denominava como sendo um Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (TAMANAHA (2008); PERISSINOTO; CHIARI, 2008, p.296), caracterizado por:

Perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino.

Vale salientar que o autismo infantil consiste em um transtorno do desenvolvimento de etiologias múltiplas, definido de acordo com os critérios de modo eminentemente clínicos no qual é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). Tendo em vista que suas características são muito abrangentes, afetando os indivíduos em diferentes graus em áreas de interação social, comunicação e comportamento desde um grau leve a um grau altíssimo. O autismo pode se denominar também como “espectro autista”, ou seja, pode ser também chamado de Transtorno do Espectro Autista, tendo em vista as particularidades referentes às respostas inconscientes aos estímulos e ao perfil heterogêneo de habilidades e prejuízos (HÔHER CAMARGO; BOSA, 2009; SCHWARTZMAN, 2011).

Rutte e Schopler (1992 p.22) salientam que: “o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo de nível comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de severidade”.

Caraterizado por dificuldades em uma tríade relacionada na comunicação e na interação social e alterações de comportamento, na também apresenta repetição de movimentos, como por exemplo, balançar o corpo, rodar uma caneta, apegar-se a objetos ou enfileirá-los de maneira estereotipada, essas alterações costumam aparecer antes mesmo dos 03 anos de idade, em sua maioria geralmente ocorre em crianças do sexo masculino.

O relacionamento com outras pessoas costuma não despertar interesse e o seu contato visual com o outro é ausente ou pouco frequente e sua fala é usada com dificuldade.



Falam frases constantemente repetidas e assim a sua comunicação acontece-se dando, principalmente, por gestos. Por isso, evita-se o contato físico no relacionamento com o autista já que o mundo, para ele, parece assustador, ou seja, até mesmo ameaçador, então ao insistir neste tipo de contato ou promover mudanças bruscas na rotina destas crianças pode desencadear crises de agressividade pelo fato de estar tirando de sua rotina ou mesmo o incomodando.

Vale salientar que para minimizar essa dificuldade de convívio social, podem-se criar situações de interação. Para tanto, é importante respeitar o limite da criança autista, onde se deve ser claro ao falar, dando o tempo necessário para que ele realize as atividades propostas e sempre comunique mudanças na rotina antecipadamente.

### 2.1.1. Etiologia

O Transtorno do Espectro do Autismo provoca uma perturbação em todo o funcionamento do cérebro afetando vários sistemas e funções, onde se apresenta por diversas causas se expressando de forma leve ou grave. (COELHO; SANTO, 2006).

De acordo com ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AUTISMO (ABRA) é quantificado que no Brasil tenha 600 mil pessoas que apresentam este transtorno, sem contar com aqueles que não se enquadram em sua forma típica.

Vale salientar que não há exames que diagnostiquem o Transtorno do Espectro Autista, onde, o mesmo é identificado através de observação do comportamento. Tendo em vista que o diagnóstico é dado aos três anos de idade, mas as características aparecem, por volta dos 12 aos 18 meses de vida. A criança diagnosticada com o transtorno nota-se que ao falar ou brincar com os pais, não há um retorno comunicativo. Tendo em vista que essa falta de interesse na interação social é com todos que estão ao seu redor, e a partir desses comportamentos os pais podem perceber que o desenvolvimento da criança está atrasado em relação ao das crianças ditas “normais” (ASSUMPÇÃO; PIMENTEL, 2000; KLIN, 2006; COELHO; SANTO, 2006).

O TEA é considerado pelo DSM-IV no eixo III, relacionado a um distúrbio e a condições físicas, que também devem ser considerados os fatores biológicos. (ASSUMPÇÃO; PIMENTEL, 2000). De acordo com Coelho compreende-se que há um fator biológico envolvido na causa do autismo que quando combinado com fatores ambientais contribuem para sua expressão (COELHO; SANTO, 2006).

Vale salientar que o autismo é um transtorno predominante no sexo masculino, com epidemiologia de 1 a 5 casos em 10. 000 crianças, na proporção de 2 a 3 homens para 1 mulher, até os dias atuais não existe uma explicação concreta para a predominância do autismo em meninos, mas porém, existe uma possibilidade sem conclusão de que isto ocorre devido a um problema genético relacionado ao cromossomo x e por esse motivo que os homens são mais vulneráveis ao transtorno e em grande parte dos casos está associado a um retardo mental (ASSUMPTÃO; PIMENTEL, 2000; KLIN, 2006).

De acordo com a ASA 1978 (Associação Americana de Autismo), o autismo é uma inadequação no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. Acontecem com cerca de 20 em cada 10 mil nascidos, tendo em vista que os graus são diferenciados e os sintomas são causados por disfunções físicas do cérebro.

Durante o diagnóstico se destacam três aspectos, com o propósito de identificar o transtorno e, sobretudo, intervir de forma precoce:

**Prejuízo na interação social** – O comportamento da criança com TEA é diferenciado, ou seja, não demonstram o interesse em interagir com os demais, seja na observação dos rostos ou mesmo nas vozes que lhes são emitidas, onde parece não precisar da mãe, se mostrando bebês muito comportados, que choram pouco e também que se apresentam rígidos quando lhes pegam no colo (KLIN, 2006; COSTA, NUNESMAIA, 1998). Vale salientar que as crianças com autismo apresentam um desenvolvimento social perturbado, pois, costumam se isolar das demais crianças, e não conseguem estabelecer um contato olho a olho, assim como também não costumam responder a sorrisos que lhes são ofertados, tem um comportamento ao qual acabam ignorando a presença dos outros que vivem ao seu redor, no qual costumam não responder a afetos e costumam não saber diferenciar os seus pais das demais pessoas, mostra-se de certa forma “fria” quando se deparam com situações de sofrimento do outro, aparentando não se importar com o que o outro sente, podendo ocorrer em grau diferenciado, de acordo com a apresentação do transtorno (COELHO; SANTO, 2006).

**Prejuízo na comunicação** – Em alguns casos quando muito afetados pelo autismo, podem nunca chegar a falar e já em outros casos a fala poderá acontecer de forma atrasada. Crianças autistas que conseguem desenvolver a fala acabam repetindo os sons que lhe são emitidos, assim como em alguns casos a linguagem emitida não tem interesse em comunicar. (KLIN, 2006). Percebe-se que as crianças com autismo apresentam dificuldades tanto na linguagem verbal e na linguagem não-verbal, pois, ao tentar se expressarem não conseguem juntar palavras para formar uma frase, e muitas das vezes se tornam incompreensíveis.

Já na comunicação não verbal essas crianças utilizam poucos gestos ou mímicas para representar algo, isso acontece devido a não entenderem o significado que os objetos representam (COELHO, SANTO, 2006).

**Padrões de comportamento repetitivos e estereotipado** – As crianças com TEA não aceitam mudanças na sua rotina, tendo em vista que quando ocorre alternância em suas atividades acaba causando um sentimento de sofrimento. Sendo que os mesmos costumam apresentar alguns comportamentos repetitivos, como: ficar se abanando com as mãos ou ficar mexendo seus dedos, fazer movimentos com o corpo, onde estes comportamentos acabam despertando uma sensação de prazer.

As crianças que apresentam este transtorno também em alguns casos tem o interesse por partes de certos objetos e por algum tempo os observa, principalmente quando o objeto apresenta algum movimento. (KLIN, 2006). Quando a criança com TEA não desenvolve a fala costumam se comunicar utilizando as mãos de adultos para indicar algo que desejam. Costumam ranger os dentes, esfregar e até arranhar superfícies, assim como também bater palmas, andar nas pontas dos dedos dos pés, balançar a cabeça com movimentos repetitivos e gostam de ficar girando em círculo em torno dele mesmo (COSTA, NUNESMAIA, 1998).

As crianças com TEA que apresentam o grau menor do transtorno podem ter o hábito de morder as mãos e também os punhos, em alguns casos levando ao sangramento, isso acontece devido à falta de emoções sentida pelos mesmos. Sendo que as crianças também apresentam um retardo, costumam bater a cabeça várias vezes na parede, cutucar a pele demasiadamente, e golpear-se, pois não tem noção do que estão fazendo e são muito impulsivas e devido a isso podem se ferir facilmente, como também ficam irritados quando lhe é imposto algo, tendo em vista que a falta de compreensão em algumas atividades do dia-a-dia pode fazer com que eles fiquem muito agressivos (KLIN, 2006).

### 2.1.2. Desenvolvimento da Criança com Transtorno do Espectro Autista.

A criança com o TEA ao ser diagnosticada precocemente receberá intervenções apropriadas desde cedo, proporcionando um melhor desenvolvimento por isso se destaca a importância de um diagnóstico precoce pois quanto mais cedo for diagnosticada a criança terá um tratamento correto e especializado de terapias e educação proporcionando habilidades e um melhor desenvolvimento social, (comunicação e modos), tendo em vista que o tratamento dessas crianças com TEA ocorre pontuando a interdisciplinaridade como um elemento indispensável para melhores resultados. Outros autores destacam também métodos

pedagógicos e psicológicos que são fundamentais para os avanços na intervenção terapêutica, como por exemplo, a escola proporciona a oportunidade de convivência, a interação social que é importante para o desenvolvimento da criança com TEA, como também o aprendizado das diferenças para os demais, tendo em vista que o convívio pode enriquecer o conhecimento estimulando as suas capacidades interativas. Vale salientar que para melhor desenvolvimento geral da criança diagnosticada aos profissionais multidisciplinares (psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional) utilizarem estratégias como algumas das que foram citadas acima, com intuito que contemplem a aquisição de habilidades que são pré-requisitos para que as outras se desenvolvam tomando uma melhoria nas habilidades afetadas pelo TEA.

Ao interagir com outras crianças, as crianças com TEA tem um positivo avanço em seu desenvolvimento. Neste sentido a escola traz vários benefícios para as crianças como cita os autores Camargo e Bosa (2012), que favorece o desenvolvimento infantil, tanto pelas oportunidades de convivência com outras pessoas, como pela mediação dos professores na qual é importante destacar que a escola é um ótimo lugar para a interação social, onde oportuniza contatos sociais, no qual na convivência do cotidiano e vão aprendendo, como respeitando as diferenças. Tendo em vista que ao conviver com uma criança diferente as demais crianças possam enriquecer o seu conhecimento e aprender a respeitar as limitações.

A inclusão escolar das crianças autistas para alguns autores (Bosa, 2002; Hoher Camargo; Bosa, 2012; LAGO, 2007), tem-se uma ênfase dada aos prejuízos e limitações onde se torna esta prática de conclusão questionável, onde muitas vezes tem sido utilizada como justificativa para não inserir na escola por tal dificuldade, já outros autores acreditam que embora seja uma prática difícil, é possível obter bons resultados de desenvolvimento, no qual se considera positivo o vínculo escolar, tanto com atenção social como no desenvolvimento cognitivo da criança autista.

Garton (1992) e outros autores destacam a importância da interação social para o desenvolvimento humano e o conceito de bidirecionalidade caracterizado pela ênfase na reciprocidade e na adaptação mútua entre os parceiros levando em conta suas características individuais, ou seja, através da interação social a criança autista tem um progresso no seu desenvolvimento tanto social como no desenvolvimento como todo, por isso é destacado a importância da inserção destas crianças na escola regular comum.

O tópico que segue tratará da relação entre autismo e inclusão escolar, objeto de investigação do presente estudo.

## 2.2 Autismo e educação inclusiva

A inclusão das pessoas com deficiências ou necessidades educativas especiais tem sido discutida no contexto social e educacional, no qual surgem mecanismos para regulamentação do processo de inclusão que garantam a igualdade de direitos.

Segundo o autor Silva (2009), o processo da inclusão foi marcado por umas múltiplas decisões e medidas tomadas no seio de organizações e agências internacionais, como as Nações Unidas e a UNESCO, que tiveram a importância na introdução progressiva da Inclusão. Ao mencionar, a Declaração Mundial de Educação para todos (1990), as Normas sobre a Igualdade de Oportunidades para pessoas com Deficiência (1993), a Declaração de Salamanca (1994), a Carta de Luxemburgo (1996).

Sendo assim, a Declaração de Salamanca foi um dos movimentos a favor da inclusão, aprovada por 92 países e 25 organizações internacionais onde se comprometeram a introduzir o princípio fundamental das escolas inclusivas. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, cit. por Sanches & Teodoro, 2006, p. 69):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem conhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.

De acordo com o documento produzido pelo Ministério da Educação e Cultura e Secretaria de Educação Especial (MEC/SEESP) em 2007, intitulado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, as escolas regulares devem promover respostas às necessidades educacionais dos alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento. Isso significa, entre outras, que as escolas devem garantir a continuidade do ensino desde a educação infantil até a superior, incluindo a formação de professores para atuar na educação especial com esse público e a participação da família e da comunidade nesse processo.

Portanto a inclusão no Brasil segue a mesma proposta de inclusão defendida nas leis gerais, tendo como objetivo proporcionar a oportunidade de educação a todos e a igualdade de direito. Tendo em vista que é assegurado pelo documento da Constituição Federal do Brasil do ano de 1988, Seção I, da educação, art.205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A LDBN (Lei das Diretrizes Bases da Educação Nacional) apresenta em seu capítulo V, no art.58º até o 60º apresenta questões da educação inclusiva especial e como a mesma deve ser proporcionada no âmbito escolar.

Art. 58º. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. § 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. § 3º. A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59º. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60º. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Percebe-se que leis citadas acima, são semelhantes com a citação de Alves (2002), segundo o qual uma educação inclusiva pressupõe educação para todos, o que significa que os alunos devem se apropriar tanto dos conhecimentos disponíveis no mundo quanto das formas e possibilidades de novas produções para uma inserção criativa no mundo.

Nota-se que as decisões e medidas políticas são importantes na implementação da Inclusão, porém à mudança vai percorrer durante um bom tempo para ocorrer de forma correta, como proposta, tendo em vista que a educação inclusiva não se constrói apenas com a inserção de novos instrumentos e a presença física na classe regular. Depende da preparação e dedicação de todos: dos pais, dos governantes e essencialmente dos professores, e a toda equipe escolar e pedagógica que devem buscar e aplicar a diferenciação pedagógica de acordo com as características, interesses, saberes e

dificuldades (Sanches & Teodoro, 2006). Com o intuito de que a escola inclusiva todos os alunos estão para aprender em conjunto, não sendo apenas uma presença física, mas sim uma pertença ao grupo e a escola.

(...) estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, isto é, o jovem sentir que pertence à escola e a escola sentir que é responsável por ele” (RODRIGUES, 2003: 95, *apud* SILVA, 2009)

Nesta perspectiva, a escola inclusiva deve estar preparada para adaptar seu currículo e seu ambiente físico as necessidades de todos os alunos, propondo-se a realizar uma mudança de paradigma dentro do próprio contexto educacional, ou seja, a escola para ser considerada inclusiva devem promover as possibilidades e potencialidades de todo e qualquer sujeito, sobretudo aquele com deficiências.

[...] incluir não é simplesmente inserir uma pessoa na sua comunidade e nos ambientes destinados à sua educação, saúde, lazer, trabalho. Incluir implica acolher a todos os membros de um dado grupo, independentemente de suas particularidades; é considerar que as pessoas são seres únicos diferentes uns dos outros e, portanto, sem condições de serem categorizadas. Mantoan (2000 p.55-60).

Especificamente, ao se discutir a inclusão educacional de crianças com autismo alguns aspectos relevantes devem ser considerados. Tendo em vista que escolarização de crianças com TEA no ensino regular traz muitos benefícios para a vida da criança autista, mas estes benefícios só são possíveis porque na infância o transtorno ainda não está totalmente desenvolvido, e assim a escola tem como objetivo a superação das dificuldades causadas pelo transtorno. Nesse sentido, a escola pode utilizar os métodos de ensino adequados que poderá contribuir de forma positiva na melhoria do desenvolvimento dessa criança, nocomportamento, relações sociais, e também para o desenvolvimento de algumas habilidades que vão além dos ensinamentos das disciplinas, como, por exemplo: as regras sociais, devido á ser também um espaço de convivência com os pares (ALVES, 2005; MOREIRA, 2007). Ressaltando importância da inclusão de crianças autistas no ambiente escolar.

Como já citado anteriormente o autismo é um transtorno do desenvolvimento com etiologias múltiplas, que se define de acordo com critérios clínicos afetando e trazendo prejuízos na interação social, comunicação e comportamento, porém mesmo estas crianças diagnosticadas com o transtorno espectro do autismo, e apresentarem pouco interesse pela

socialização e comunicação alguns autores como Garton (1992), Seidl-de-Moura (2009) e Salomão (2012) consideram que é interessante à socialização com outras crianças (consideradas com desenvolvimento típico) e de extrema importância, pois pode haver a reciprocidade entre eles, assim havendo até uma evolução no processo de interação social da criança autista.

Os autores Hoher Camargo e Bosa (2009) destacam que o autismo se compreende em diferentes graus de comprometimento, ou seja, em alguns casos pode ser mais leve ou mais grave. Nogueira (2009) e Orru (2007) concordam e eles destacam as potencialidades, apesar de suas dificuldades causadas pelo autismo, onde as crianças autistas podem apresentar um grande interesse em algo e se destacar por sua capacidade.

Autores como Silva e Mulick (2009) enfatizam a importância de um diagnóstico precoce, considerando-se que a idade em que a criança começa a receber intervenções apropriadas representa um dos elementos essenciais para um melhor prognóstico em termos de seu desenvolvimento. Sobre o tratamento dessas crianças, Choto (2007) destaca a fusão entre a terapia e a educação, pontuando a interdisciplinaridade como um elemento indispensável para obtenção de melhores resultados.

Nesta perspectiva é importante que o interesse nas questões da interação social e as reflexões sobre a sua importância para o comportamento humano surgiram no século passado onde nos anos de 1830 a 1930 já era possível encontrar uma ampla e variada produção no qual pressupunha que a relação social interpessoal se encontra entre os principais determinantes da natureza humana, sendo assim passível de investigação científica (Aranha, 1993; Dessen & Aranha, 1994). Como também a importância da experiência social com pares. (Hortup, 1983). Porém neste período as ideias geradas possuíam um caráter especulativo, no qual não havia sido construída uma base empírica consistente e métodos sistemáticos para a coleta de dados nesta área.

A partir da década de 30 foram desenvolvidos métodos e técnicas de observação em grupo, e especial Geoge Herbért Mead dedicou-se a investigação da interação social. Vale ressaltar que Mead (1934/1972) ele foi um dos fundadores da sociedade empírica e sistemática sendo um dos primeiros a descrever a socialização como construção de uma identidade social na e pela interação com os outros. Onde o processo de socialização está na base da construção do eu, dado pela mediação dos outros e suas respostas.

Para Hartup (1989) toda criança necessita vivenciar dois tipos de relacionamento o vertical e o Horizontal: onde o vertical se caracteriza pelos relacionamentos complementares que envolvem apego a uma pessoa com mais poder social e conhecimento. Como por



exemplo, (os pais, a professora, ou um irmão mais velho), o horizontal no qual corresponde a atos recíprocos e igualitários, pois envolve companheiro da mesma idade, onde o poder social e o comportamento mutuamente se complementar. Deste modo os dois tipos exercem funções diferentes para a criança e sendo necessários para o desenvolvimento de habilidades sociais afetivas.

É importante ressaltar que a interação com outras crianças da mesma faixa etária proporciona contexto social que permitem vivenciar experiências que dão origem à troca de ideias, de papéis e o compartilhamento de atividades que exigem transação interpessoal e discussão para a resolução de conflitos, tendo em vista que a interação social é a condição de construção do indivíduo e a base do desenvolvimento do ser humano, assim como também a interação com pares para o desenvolvimento da criança e de sua competência social.

A criança se desenvolve melhor na maneira em que interage com os adultos e com seus pares, dando sentido ao mundo em que vivem, ou seja, a troca de experiência é fundamental, pois lhe permite apropriar, reinventar e reproduzir.

Para Bosa(2002) crianças com autismo de alto funcionamento (perfil cognitivo diferenciado em algumas das áreas de teste padronizado) representam 30% dos casos diagnosticados, no qual se pode notar uma variação na expressão de sintomas do autismo.

Deste modo as crianças com funcionamento cognitivo mais baixo geralmente tem mais chance de ser caladas e isoladas, no qual se destaca como uma criança não comunicativa, isolada e incapaz de mostrar afeto não corresponde às atividades realizadas. Para Bosa (2002) a ausência de respostas das crianças autistas ocorre pela a falta de compreensão do que esta sendo exigido dela, e não uma atitude de isolamento.

A intervenção no processo de socialização da criança autista tem um grande progresso no desenvolvimento social, assim como em outras síndromes, onde proporcionar oportunidade de conviver com outras crianças da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, no qual impede o isolamento contínuo da criança que apresenta o TEA.

Através da inclusão escolar no ensino comum, as crianças autistas ao compartilhar a convivência com outras crianças se desenvolvem, e mantêm contatos sociais, e adquire habilidades cognitivas.

A criança com autismo é capaz de aprender com as outras crianças, entretanto, faz-se necessária à utilização de técnicas e intervenções que facilitem esse processo, considerando as características e especificidades do modo de ser e estar no mundo dessa criança.” Coscia (2010, *apud* REIS, 2013 p.19)

É nítido que o processo de inclusão, a instituição e os professores requerem atenção e é necessário que o sistema educacional e social deve-se adaptar para receber a criança com autismo, tendo em vista que a atuação do professor é fundamental para que a inclusão aconteça de forma positiva, no qual ele será o principal mediador neste processo inclusivo. Como também a importância da inclusão escolar as crianças autistas que estão incluídas no ensino regular que apresentam o aumento das habilidades cognitivas, sociais e de comunicação, quando os professores e toda a equipe escolar estão preparados para atender estas crianças. Em alguns casos professores tendem a se negar trabalhar com crianças com TEA, devido não saber lidar com estas crianças ou mesmo ter medo de suas reações, onde se percebe que os professores apresentam ideias distorcidas sobre o TEA. A falta de preparação de escolas e professores para atender a demanda da inclusão de crianças autistas, ocorre muitas vezes pela falta de estudo sobre a inclusão dos mesmos, na rede de educação comum, no qual se percebe que há poucas crianças incluídas, pois há dificuldade para lidar com o “diferente”, ou seja, com crianças especiais.

A partir do exposto considera-se que a inclusão escolar em algumas escolas do ensino regular encontram dificuldades para atender crianças com necessidades especiais pela falta de preparação, estrutura, adaptação entre outros, assim dificultando o desenvolvimento escolar destas crianças. A seguir serão apresentados os objetivos do presente estudo e em seguida a metodologia adotada.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Tipo de Estudo

Este estudo se caracteriza como um estudo de caso descritivo-analítico que corresponde à possibilidade de investigar, a descrição de fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto real, ou seja, objetivo é e construir ou desenvolver novas teorias que irão ser confrontadas com as teorias que já existiam, proporcionando avanços do conhecimento. Segundo YIN, (2001, p.32/33):

O estudo de caso é uma investigação empírica, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (...) a investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

O estudo de caso é um método qualitativo que tem como objetivo uma forma de aprofundar uma unidade individual. Tendo em vista que ele serve para responder questionamentos que o pesquisador não tem muito controle sobre o fenômeno estudado.

A abordagem qualitativa apresenta as seguintes características: o pesquisador é o instrumento-chave, o ambiente é a fonte direta dos dados, não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos, tem caráter descritivo, o resultado não é o foco da abordagem, mas sim o processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo (GODOY, 1995B, SILVA; MENEZES, 2005).

De acordo com Minayo e Sandres a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. Tendo em vista que nos permite a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem compreendidos intensamente.

### **3.2 Local de estudo**

O presente trabalho foi realizado em uma escola de Ensino Fundamental no Município de Amparo-PB, localizada na zona urbana do Município.

A Escola Municipal de Educação Básica Idelfonso Anselmo da Silva, está localizada na Rua Vereador Cicero Soares, Nº 62, Centro. A referida escola foi fundada em 25 de Dezembro de 1983 no governo do Prefeito Genival paulino de Souza e no governo estadual do Dr. Wilson Leite Braga, com recursos do programa Pró-município, através de convênios com MEC/SESP/ Secretaria de educação da prefeitura municipal de Sumé, sendo que quando esta escola foi fundada a cidade de Amparo pertencia a Sumé. A referida escola recebeu esse nome em homenagem ao senhor Ildefonso Anselmo da Silva, cidadão local que fez a doação do terreno onde foi edificado o prédio escolar.

A EMEB. Ildefonso Anselmo da silva funciona em dois horários, respectivamente, matutino e vespertino, atendendo as demandas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. As séries estão condicionadas nos turnos, acima citados, de acordo com a quantidade de alunos matriculados e com a necessidade da administração escolar.

A escola, como qualquer instituição pública, funciona como um organismo, onde, para que tudo ande perfeitamente e os objetivos sejam atingidos, cada parte precisa executar bem as respectivas funções.

### **3.3 Participantes**

Esta pesquisa teve como participantes uma professora (concurada), uma monitora (concurada) que tem como papel auxiliar a professora durante período escolar da Escola de Educação Básica Ildefonso Anselmo da Silva da Cidade de Amparo-PB, e um aluno com 09 anos que apresenta o transtorno do espectro autista e a mãe.

### **3.4 Instrumentos**

Nesta pesquisa a coleta de dados se deu por uma entrevista semiestruturada e observação como instrumento no qual se caracteriza como uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Segundo Lakatos e Marconi (2010), a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Para a coleta de dados foi realizado uma entrevista com a professora, a monitora e a mãe da criança, onde para a realização desta entrevista foi utilizado um gravador de voz, com autorização de cada participante, as entrevistas ocorreram separadamente. Como também 03(três) observações dentro da sala de aula e na hora do intervalo escolar. Com o intuito de identificar e analisar como ocorre o processo de desenvolvimento proporcionado pela escolar, assim como também como ocorre à socialização da criança autista com os demais alunos.

### **3.5 Procedimentos para coleta de dados e análise.**

O procedimento para coleta de dados desta pesquisa é através da observação direta que é um método no qual pode ser definido como um acompanhamento presencial do processo a ser modelado que sujeita o pesquisador a um contato mais direto com a realidade.

Segundo Lakatos e Marconi (1992), a observação direta intensiva é um tipo de atividade que “[...] utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

Então ao saber que na escola tem um aluno autista em seu quadro, foi realizado um contato prévio com a escola e a mãe da criança, apresentando o projeto de estudo e um consentimento para a direção da escola e a permissão para os professores e a mãe da criança. Ao realizar as entrevistas foi entregue um termo de consentimento livre e esclarecido, visando o esclarecimento da pesquisa ao participante, para obter a autorização do estudo com a professora e a monitora e o consentimento da mãe obtendo a autorização para realização da pesquisa. Após a leitura do termo e assinatura foi realizada a entrevista e logo após foram realizadas 03(três) observações na sala de aula e 03(três) observações no intervalo escolar.

### 3.6 Procedimentos para análise dos dados

Ao realizar as entrevistas logo após foram realizadas as transcrições, e a partir das transcrições se iniciou as análises das entrevistas e tendo como base dos dados formulados o roteiro da entrevista. Logo após a realização das entrevistas realizei as observações.

A técnica a ser utilizada para a análise de conteúdo tendo em vista que de acordo com o autor Bardin (2010) a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre quais as debruça, ou seja, e uma busca de outras realidades através das mensagens, onde visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica e etc, por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstrutivos a partir de uma amostra de mensagens particulares.

A análise de conteúdo deste estudo foi composta por três momentos. No qual o primeiro caracterizado pela a pré-análise foi realizada com a seleção de documentos, no qual realizei pesquisas e leituras sobre o tema, no segundo momento foi a exploração do material no qual é realizado uma classificação dos dados para compreender do material colhido, e no terceiro momento os resultados obtidos e a interpretação onde à partir dos dados coletados foram feitas as interpretações juntamente com a parte teórica.

A seguir serão apresentados os dados sociodemográficos dos participantes contendo informações obtidas através as entrevistas semiestruturadas sobre a caracterização dos profissionais participantes.

**Tabela 1** - Caracterização dos profissionais participantes desde estudo.

<b>FUNÇÃO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>TEMPO DE TRABALHO COM EDUCAÇÃO (ANOS)</b>	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>
PROFESSORA	SUPERIOR COMPLETO EM PEDAGOGIA	18 ANOS	36	FEMININO
MONITORA	ENSINO MEDIO COMPLETO	05 ANOS	40	FEMININO

**Fonte:** O desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autista no âmbito escolar e o processo de inclusão: Um estudo de caso, UFCG/CDSA 2017.

A Tabela acima apresentadas dos profissionais (Professora e Monitora) que participaram deste estudo. Logo, verifica-se que a professora tem uma formação superior no curso de pedagogia, trabalhando a mais de 18 anos na educação e a monitora que atua lhe auxiliando na sala tem o ensino médio completo trabalhando há cinco anos na educação.

A seguir serão apresentados os dados dos genitores da criança participante neste estudo, trazendo informações que foram obtidas através da entrevista realizada com a mãe.

**Tabela 2 - Dados dos Genitores**

GENITOR	IDADE	NIVEL DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	TURNOS QUE PASSA FORA DO LAR
PAI	DADO NÃO INFORMADO	ENSINO MEDIO COMPLETO	MECÂNICO	DIURNO
MÃE	28	SUPERIOR INCOMPLETO	FUCIONARIA PUBLICA	DIURNO

**Fonte:** O desenvolvimento da criança com transtorno do espectro do autismo no âmbito escolar e o processo de inclusão: Um estudo de caso, UFCG/CDSA 2017.

Logo, se verifica-se que os genitores da criança autista participante, pai com a idade não informada e a mãe com 28 anos, tendo como nível de escolaridade o ensino médio completo, o pai é mecânico e passa o dia fora do lar, a mãe é funcionária pública e passa o turno diurno fora do lar (matutino), porém sempre está ao lado da criança, por trabalhar na escola que a criança está incluída.

A tabela a seguir mostra informações sobre a criança, com dados pessoais.

**Tabela 3 - dados da criança**

DEFICIENCIA	IDADE	SEXO	Nº DE IRMÃOS	ORDEM DE NASCIMENTO
AUTISTA	09	MASCULINO	01	1º FILHO

**Fonte:** O desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autista no âmbito escolar e o processo de inclusão: Um estudo de caso, UFCG/CDSA 2017.

A Tabela acima mostra dados sobre a criança autista que participa deste estudo de caso, trazendo informações sobre sua idade, sexo, o número de irmãos e a sua ordem de nascimento, onde se destaca que esta criança tem 09 anos, sendo do sexo masculino e o primeiro filho, tendo apenas 01 irmão.

### 3.7 Categoria de análise

#### Categoria das entrevistas

- **Classe Temática 01: Desenvolvimento da criança com Transtorno Espectro Autista**

A tabela abaixo relaciona a informações sobre o desenvolvimento da criança com autismo, e têm-se informações sobre o diagnóstico, a reação da mãe ao descobrir que o seu filho é autista, e o desenvolvimento (na linguagem, socialização, em termos de comportamento e o desenvolvimento cognitivo).

CATEGORIAS	MÃE DA CRIANÇA
<p style="text-align: center;"><b>DIAGNÓSTICO DA CRIANÇA</b></p>	<p>“Em família foi diagnosticado desde os primeiros dias que ele tinha alguma deficiência, pois ele não reagia a estímulos, não acompanhava com o olhar(...) Quando levei ao neurologista foi diagnosticado que ele tinha um retardo no desenvolvimento, mas o diagnosticado como autista só foi a dois anos atrás(...) o diagnóstico tardio foi dificultado pela interação, ele é capaz de olhar nos olhos, recebe afeto e não se nega à contato, interage, a ausência da fala não diz respeito somente ao TEA, outras indicações neurológicas também alteram na aprendizagem da fala, meu filho tem bom entendimento, compreende situações de perigo, gestos físicos e expressões faciais. No TEA, existem graus diferentes, e ainda assim, ele não se encaixa 100% em nenhum, ou seja, se algum Asperger chegar notará a diferença entre eles, pois meu filho não tem a mesma cognição, tem atraso no desenvolvimento global, foi isso que fez ser</p>



	diagnosticado somente aos seis anos.”
<b>REAÇÃO AO DIAGNÓSTICO</b>	“Meu maior medo era de seguir sem o diagnóstico, do que saber que ele apresentava o transtorno do espectro do autismo, o que eu precisava era do diagnóstico para buscar profissionais certos”.
<b>DESENVOLVIMENTO, NA LINGUAGEM, SOCIALIZAÇÃO, EM TERMOS DE COMPORTAMENTO E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO.</b>	“o desenvolvimento da linguagem e muito atrasado, pois ele não fala desde bebezinho, mas sempre teve o acompanhamento com afonoaudióloga(...) Ele apresenta um desenvolvimento atrasado em tudo, e tem dificuldade em atividades motora e social(...) Em questão do desenvolvimento no comportamento, as vezes ele chega a ser agressivo, por não ser compreendido, necessitasse de uma rotina diária, a quebra de horário na hora de descanso dele deixa ele agitado(...) o desenvolvimento cognitivo dele e extremamente atrasado certos movimentos João (nome Fictício) não consegue fazer com destreza, não tendo a capacidade cognitiva para realizar tais atividades, deixa ele aos 09 anos, no grupo de habilidades de 2 anos.

- **Classe Temática 02: Transtorno do Espectro do Autismo, Desenvolvimento Escolar e inclusão.**

Esta tabela abaixo relaciona a informações sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, desenvolvimento escolar e inclusão, onde se têm as informações sobre a formação da professora e a monitora, formação oferecida pela escola, às dificuldades na inclusão, percepção acerca da inclusão do aluno na escola, autismo, a percepção do desenvolvimento da

criança com TEA, o apoio com a equipe pedagógica no processo de aprendizagem, e a percepção acerca de meios para melhor inclusão.

<b>CATEGORIAS</b>	<b>PROFESSORA</b>	<b>MONITORA</b>
<b>FORMAÇÃO</b>	“Formada em Pedagogia, e estou fazendo uma pós-graduação em Educação Infantil e Fundamental”.	“Ensino Médio completo”
<b>FORMAÇÃO PARA LIDAR COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL OFERECIDA PELA ESCOLA.</b>	“Não, até o momento não há nenhuma, (...) estamos trabalhando de acordo como trabalho com as outras crianças na sala de aula”.	“Não, eu não tenho nenhuma preparação, a escola também não oferece, estamos descobertos neste caso”.
<b>DIFICULDADES NA INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA</b>	“A criança especial é muito trabalhosa, porque além de esta dando atenção aos demais da turma, tenho que tirar um tempo para dar atenção a criança especial, e no momento em que estou dando atenção a criança especial as outras crianças ficam bagunçando na sala de aula, não se comportam. Daí eu fico dividida entre esta criança especial e tentando manter o controle. (...) então eu acho muito difícil trabalhar com uma criança especial.”	“Em relação às atividades que são passadas para ele, sinto uma grande dificuldade, pois ele não desperta nenhuma curiosidade nas atividades”.
<b>PERCEPÇÃO ACERCA DA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTO DO AUTISMO.</b>	“Procuramos colocar e socializar ele na sala de aula, para ele aprender a conviver com as outras pessoas, assim como com crianças também, abraçando, brincando e participando das atividades coletivas na sala de aula.”	“A minha atenção é só para ele todo o turno em que ele fica na escola”.
<b>AUTISMO</b>	“No momento o meu meio de informação foi através da psicóloga que veio aqui	“Não tenho nenhum conhecimento sobre”.

	na escola e relatou que uma criança autista tem certas limitações, dificuldades, no qual temos que trabalhar estas dificuldades e limitações e procurar de forma agradável e prazerosa se socializar com a turma.”	
<b>PERCEPÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA</b>	“Complicado, por ser mais lento que os outros, (...) enquanto os outros alunos já estão lendo e juntando sílabas, a criança autista esta iniciando a identificar as cores, a pintar, (...) e bem lento o desenvolvimento dele.”	“Desenvolvimento lento onde exige muita paciência, criatividade e etc. (...) tentamos fazer o que podemos, pois a escola não dispõe de uma preparação necessária.”
<b>APOIO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO AUTISTA</b>	“A escola disponibiliza o acompanhamento com a psicopedagoga e psicóloga.”	“Psicopedagogos”
<b>PERCEPÇÃO ACERCA DE MEIOS PARA MELHOR INCLUSÃO PARA ESTA CRIANÇA COM NECESSIDADE ESPECIAIS.</b>	“Acredito que deveria ter um ambiente especial para esta criança e materiais para trabalhar com ela, pois e muito complicado trabalhar com estas crianças quando a escola não favorece e disponibiliza materiais para trabalhar com esta criança que tem problemas especiais.”	“Eu acho que a escoladeveria buscar meios, e ir atrás de alguma coisa já que atende esta criança especial, poderia oferecer um maior apoio e uma orientação pois estamos desorientados.”

Diante da Tabela apresentada, está evidenciada-se as informações sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, Desenvolvimento Escolar e inclusão. Onde traz dados sobre desenvolvimento escolar e inclusão, a formação da professora e a monitora, formação

oferecida pela escola, as dificuldades na inclusão, percepção acerca da inclusão do aluno na escola, autismo, a percepção do desenvolvimento da criança com TEA, o apoio com a equipe pedagógica no processo de aprendizagem, e a percepção acerca de meios para melhor inclusão que foi obtida através da entrevista realizada com os mesmos.

A seguir serão apresentados os resultados do presente estudo, com destaque para a análise das entrevistas bem como das observações realizadas.

## 4 RESULTADOS

As informações apresentados neste trabalho foram coletadas através de entrevistas realizadas com a mãe, uma professora e uma monitora, assim como também através de 03(três) observações durante o período escolar e a recreação, na escola que encontrasse em seu quadro de aluno, esta criança autista. A partir das informações obtidas foi realizada análises contendo temática, com objetivo de buscar informações de como está ocorrendo o desenvolvimento desta criança autista e como a escola esta organizada para o desenvolvimento e inclusão do aluno com o Transtorno do Espectro do Autismo.

### 4.1 Análise das Entrevistas

Através das entrevistas realizadas é possível ter uma visão de como ocorre o processo de desenvolvimento da criança, e como a escola visa se organiza para melhor incluir crianças especiais.

#### CLASSE TEMÁTICA 01: Desenvolvimento da Criança Autista.

Na primeira categoria da Classe Temática 01: Desenvolvimento da criança autista percebe-se através da entrevista realizada com a mãe ela e conhecedora do Transtorno Espectro do Autismo(TEA), e relata que desde os primeiros dias se notava que seu filho tinha alguma deficiência, pois o mesmo não reagia a estímulos. Aos 08 meses a mãe levou seu filho a neurologista e foi diagnosticado que ele tinha um retardo no desenvolvimento e desde então ele começou a ter acompanhamento com a neurologista. O diagnostico que seu filho é autista foi tardio, diagnosticado aos 06 anos, pois foi dificultado pela interação, ondeele é capaz de olhar nos olhos, recebe afeto e não se nega ao contato, interage, a ausência da fala não diz respeito somente ao TEA, outras indicações neurológicas também alteram na aprendizagem da fala. *“No TEA, existi graus diferentes, e ainda assim, ele não se encaixa 100% em nenhum, ou seja, se algum Asperger chegar notará a diferença entre eles, pois meu filho não tem a mesma cognição, tem atraso no desenvolvimento global, foi isso que fez ser diagnosticado somente aos seis anos”*. Tendo em vista que esse diagnóstico tardio também pode ter sido ocasionado por condições socioeconômicas, onde os reesposáveis desta criança utilizaram serviços de saúde publica. Vale salientar que os serviços prestados pela saúde publica atende um grande numero de pessoas, então desta maneira deixa a desejar em seus diagnósticos, porém tem a semelhança entre a Asperger e o Autismo que confundem em seu diagnostico, por isso a necessidade de bons profissionais.

Tendo em vista que é comum à semelhança entre Autismo e Asperger, levando em conta que o autismo é um transtorno de desenvolvimento que leva ao comprometimento global da interação social com comportamentos repetitivos e restritos, além de problemas de comunicação social e a síndrome de Asperger também pode apresentar estas mesmas características, sendo que o que difere é a intensidade, a profundidade e a gravidade dos sintomas entre os dois transtornos.

Para melhor compreensão sobre a diferença entre a síndrome de Asperger e o Transtorno Espectro do Autismo é importante ressaltar que as características, o que diferenciam é a intensidade, a profundidade e a gravidade dos sintomas entre os dois transtornos. Onde o autismo leva a um comprometimento de linguagem, de comunicação, além de aspectos que dizem respeito à sensibilidade, ao ato alimentar e ao sono. Levando ao autista a enfrentar tudo de forma severa e, por isso, depende de uma interação maior dos responsáveis. Já a síndrome de Asperger é o contrário, pois seus sintomas são relativamente mais brandos e a pessoa fala muito bem, pode se expressar de forma rebuscada, ou seja, a criança consegue ser mais independente, embora apresente comportamentos ‘estranhos’, no que diz respeito à interação social.

Na segunda categoria, quando lhe perguntei sobre a sua reação ao diagnóstico, a mãe foi bem clara ao falar que *“Meu maior medo era de seguir sem o diagnóstico, do que saber que ele apresentava o transtorno do espectro do autismo, o que eu precisava era do diagnóstico para buscar profissionais certos”*. Diante da resposta adquirida percebe-se que o diagnóstico é um passo muito importante e fundamental, realizado através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis. Os sintomas costumam se apresentar antes dos 03 anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade. Tendo em vista que ainda não há marcadores biológicos e exames específicos para autismo, mas, porém alguns exames, como cariótipo com pesquisa de X frágil, EEG, RNM, erros inatos do metabolismo, teste do pezinho, sorologias para sífilis, rubéola e toxoplasmose, audiometria e testes neuropsicológicos podem ser necessários para investigar causas e outras doenças associadas. (APA, 2014).

Vale salientar que quanto mais cedo à criança iniciar o tratamento do autismo, terá mais probabilidade de ter um bom desenvolvimento intelectual. Por isso é essencial o diagnóstico, com instrumentos e profissionais especialmente preparados e dirigidos a diferenciar os modos de funcionamento mental que caracterizam e aumentam precocemente

os riscos de se tornarem graves perturbações nas estruturas psíquicas e emocionais, já que essas perturbações são capazes de transtornar o conjunto das funções do desenvolvimento.

Partindo nesse sentido, na terceira categoria “Desenvolvimento, na linguagem, socialização, em termos de comportamento e o desenvolvimento cognitivo”. Percebe-se que a criança autista participante desde estudo tem o seu desenvolvimento atrasado, devido ao diagnóstico tardio. A mãe relata que *“o desenvolvimento da linguagem e muito atrasado, pois ele não fala desde bebezinho(...) ele apresenta um desenvolvimento atrasado em tudo, e tem dificuldade em atividades motora e social(...) em questão do desenvolvimento no comportamento, as vezes ele chega a ser agressivo, por não ser compreendido, necessitasse de uma rotina diária, a quebra de horário na hora de descanso dele deixa ele agitado(...) o desenvolvimento cognitivo dele e extremamente atrasado certos movimentos (...) não tendo a capacidade cognitiva para realizar tais atividades, onde o deixa aos 09 anos, no grupo de habilidades de 02 anos.”*

É notável que haja uma série de consequências ao ser realizada o diagnóstico tardio do espectro autista, onde se relaciona diretamente aos agravos de seus comportamentos, assim como o seu desenvolvimento, como citado acima ele tem 09 anos, mas se encaixa no grupo de habilidades de 02 anos. Aumentando também a probabilidade do fracasso ao desenvolver relacionamentos com seus pares e na tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas, ou seja, ela terá ainda mais prejuízo e dificuldades na sua vida social.

O autismo não é um quadro equilibrado, alguns sintomas se modificam, outros podem amenizar e vir a desaparecer e outros poderão surgir com a evolução do indivíduo. Por isso as avaliações sistemáticas e periódicas se tornam tão importantes, pois não existe um tratamento que cura o autismo, mas há técnicas comportamentais e educacionais que são muito benéficas quando iniciadas precocemente, antes dos quatro anos de idade, como aponta alguns estudos (SOUZA et al., 2004).

Vale ressaltar que o diagnóstico e intervenção precoce só trazem benefícios para a criança com o transtorno do espectro do autismo, tanto em nível social, comunicativo e educacional.

CLASSE TEMÁTICA 02: Transtorno do Espectro do Autismo, Desenvolvimento Escolar e inclusão.

Na primeira categoria “Formação” ao entrevistar a professora e perguntar, a mesma relata “sou licenciada em Pedagogia, e estou fazendo uma pós-graduação em Educação Infantil e Fundamental”. Já a monitora e tem apenas o Ensino Médio completo.

No qual diante do que se foi entrevistado percebe que nenhuma das profissionais, não têm nenhuma habilitação específica na área de Educação Especial. No qual dificulta no processo de ensino e aprendizado da criança com TEA, no qual a criança não esta acompanhando, por falta de compreensão de ambos.

Diante da situação percebe-se que a formação de professores é merece ênfase quando se aborda a inclusão. Alguns professores sentem-se inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades especiais na sala de aula ou mesmo atuarem na sala de aula com uma. Há uma queixa geral de estudantes de pedagogia, de licenciatura e dos professores: “Não fui preparado para lidar com crianças com deficiência” (LIMA, 2002, p.40) assim este estudo mostra a carência neste assunto dificultando assim o processo de aprendizagem e inclusão escolar. Desta forma a formação docente e deve busca qualidade do ensino para crianças com necessidades educativas especiais que envolvem, pelo no mínimo, dois tipos de formação profissional: a primeira é a dos professores do ensino regular que conte com o conhecimento mínimo exigido, uma vez que há a possibilidade de lidarem com alunos com “necessidades educativas especiais”; a segunda é a de professores especialistas nas variadas “necessidades educativas especiais” que possam atender diretamente os discentes com tais necessidades e/ou para auxiliar o professor do ensino regular em sala de aula (BUENO, 1993).

De acordo com Lira (2004), o professor precisa traçar e reformular planejamentos individuais, além de adaptar recursos de ensino tradicionais e criar estratégias orientadas nas necessidades do educando. Para tanto, é importante observar os comportamentos das crianças no sentido em seus detalhes, pois os mesmos servirão como indicativos de sua zona de desenvolvimento, podendo, assim, ajudá-la em seu processo de aprendizagem de acordo com seu desenvolvimento perceptível.

Na segunda categoria “Formação para lidar com a educação especial oferecida pela escola.” Foi relatado que até o momento a escola não propôs nenhuma formação sobre a educação especial, no qual dificulta o trabalho das mesmas, a professora relata que “esta trabalhando de acordo como trabalho com as outras crianças na sala de aula”, Desta forma a criança autista inserida na escola, não tem ganho em seu desenvolvimento, pois o mesmo não consegue acompanhar a turma.

Diante do que foi relatado e perceptível que a escola não dispõe de formação específica para se trabalhar com uma criança com TEA.

Considera-se que toda escola tem que apresentar uma proposta da formação docente, como ponto fundamental diante do processo inclusivo, onde deve-se buscar uma grande



transformação no ambiente educacional, pois assim possibilitará ao professor um novo olhar diante da diversidade que compõe o universo escolar, com uma concepção inovadora em sua prática pedagógica, contribuindo para um espaço mais inclusivo, assegurando uma formação mais humanizada aos seus alunos e buscando um melhor desenvolvimento educacional para a criança autista que se encontra inserida. De acordo com a LDB 9394/96 em seu artigo 59, inciso III é garantido ao educando com necessidades especiais “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”.

Incluir uma criança autista na escola é um desafio que a escola deve se tomar como uma proposta inovadora, que proponha multiplicidades de ações e redes de apoio que assegure a todos os docentes uma formação continuada e reflexões sobre o ensino inclusivo, pois não é simplesmente receber alunos com necessidades educacionais especiais, como vem ocorrendo, tem que saber, e atuar de forma eficiente em buscar conhecimento acerca do ritmo, possibilidades e limites da criança, promovendo a valorização de como ela aprende, como se comporta e de como melhor viabilizar seu processo de aprendizagem.

Na terceira categoria “dificuldades na inclusão da criança autista” foi relatado que há uma grande dificuldade no processo de desenvolvimento, a professora explica que *“tenho que tirar um tempo para dar atenção à criança especial, e no momento em que estou dando atenção à criança especial as outras crianças ficam bagunçando na sala de aula, não se comportam. Daí eu fico dividida entre esta criança especial e tentando manter o controle. (...) então eu acho muito difícil trabalhar com uma criança especial”* Visto que é importante destacar a criança autista por apresentar o seu comportamento diferente comparado aos demais se torna mais difícil, mas não impossível o seu desenvolvimento educacional, percebe-se que o comportamento dos demais alunos ditos como normais, não se comportam na sala de aula e isto atrapalha, o barulho incomoda a criança autismo.

Ao entrevistar a monitora ela relata que sua maior dificuldade encontrada na inclusão da criança autista e que *“Em relação às atividades que são passadas para ele, sinto uma grande dificuldade, pois ele não desperta nenhuma curiosidade nas atividades”*. Sabe-se que a criança autista apresenta alterações presentes desde idades muito precoces, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação, por isso a falta de interesse e curiosidade nas atividades.

Tendo em vista que esta falta de interesse como cita a monitora pode ocorrer pelo fato da criança com TEA não esta compreendendo o que a professora quer ou mesmo o que a

monitora quer que ele faça. Ambas as profissionais tem que buscar meios para que esta criança possa compreender o que ela estão querendo durante as atividades educacionais, para proporcionar o desenvolvimento da mesma.

Ao trabalhar com crianças autistas necessita-se do educador capacitações e estudos frequentes, já que diante dos comprometimentos da síndrome o educador necessita refletir e avaliar suas ações diariamente. De acordo com Bereohff, Leppos e Freire “Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a questionar suas ideias, seus princípios e sua competência profissional.” (1994, p.95).

Na quarta categoria “Percepção acerca da inclusão do aluno com transtorno do espectro do autismo.” Quando lhes pergunto sobre esta percepção, os profissionais responde que procuram socializar esta criança com as demais, a monitora volta a sua atenção toda para esta criança autista, ou seja, a monitora passa todo o período da escola ao lado da criança autista.

Percebe-se o processo de inclusão da escola regular para atender crianças com autismo encontra diversas dificuldades, como por exemplo, profissionais apresentam grandes dificuldades ao trabalhar com esta criança autista devido à despreparação e a estrutura da escola que não é adequada para receber crianças com o transtorno espectro do autismo. Furini (2011) ressalta que as dificuldades apresentadas pela escola regular pública para incluir, onde o investimento é baixo por parte do governo e assim não dá para a escola desenvolver a proposta inclusiva, e com isso faltam materiais, espaço físico e funcionários de apoio.

Na quinta categoria “Autismo” aos questionar sobre esta categoria, percebe-se que as duas profissionais participantes deste estudo conhecem pouco sobre o autismo, sendo que a professora demonstra-se ter mais conhecimento, devido a sua formação e experiências vivenciadas no cotidiano escolar. A mesma se expressa na entrevista que “No momento o meu meio de informação do autismo foi através da psicóloga que veio aqui na escola e relatou que uma criança autista tem certas limitações, dificuldades, no qual temos que trabalhar estas dificuldades e limitações e procurar de forma agradável e prazerosa se socializar com a turma.”. Nota-se a necessidade de buscar mais conhecimento na compreensão do autismo, tanto dos profissionais como de toda a escola.

Na sexta categoria “Percepção do desenvolvimento da criança autista” O desenvolvimento da criança participante neste estudo segundo as entrevistadas é muito lento o desenvolvimento dele, *“enquanto os outros alunos já estão lendo e juntando sílabas, a criança autista esta iniciando a identificar as cores, a pintar”*Tendo em vista que esse processo lento do desenvolvimento e dado por apresentar algum déficit inato que ocasiona falhas nos precursores socioemocionais da linguagem, acarretando prejuízos nas suas

interações interpessoais. Por sua vez, estes prejuízos acarretam um desvio no desenvolvimento destas crianças, fazendo com que ele siga uma trajetória diferente do desenvolvimento típico.

Sabemos que o processo de desenvolvimento da criança autista é difícil, diante da falta de informação de muitos profissionais da educação, falta de programas que promovam a inclusão e acompanhamento desses alunos já que muitos precisam de tutores os acompanhando na escola regular.

Na sétima categoria “Apoio da equipe pedagógica no processo de aprendizagem do aluno autista” foi relatado que o aluno recebe dentro da escola o atendimento da psicopedagoga e de uma psicóloga (uma vez no mês), e da monitora que esta somente para atender ele nas suas atividades gerais no cotidiano escolar, a mesma não possui nenhum conhecimento e nem qualificação profissional para trabalhar com esta criança autista. A escola necessita acompanhamento e intervenções de outros profissionais para que de fato ocorra o processo de inclusão de maneira correta, e buscar estratégias e meios para melhor lidar com esta criança.

Na oitava categoria “Percepção acerca de meios para melhor inclusão para esta criança com necessidade especial.” Tendo em vista que o papel da escola é fazer e elaborar estratégias para que estes alunos com autismo consigam desenvolver capacidades para se integrar e interagir com as outras crianças ditas “normais”. É notável que ao entrevistar a professora e a monitora relatam que há uma grande falha na escola nesta questão, onde a mesma não dispõe de um ambiente especial, de materiais pedagógicos e bem perceptível que a dificuldade encontrada pelas mesmas ao trabalhar com a criança autista.

Dessa forma faz-se necessário que os professores, juntamente com o coordenador pedagógico da escola, trabalhem em conjunto para que sempre possam estar analisando as aulas, buscando novos exercícios para testar qual dará certo, e também novos métodos, que facilitem tanto o trabalho do professor, quanto o desenvolvimento educacional da criança. Seguindo essa linha de pensamento, BEYER (2006), nos esclarece que:

O desafio é construir e por em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário, pondo em andamento na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um.

Os resultados apresentados neste trabalho teve como base a experiência da mãe da criança autista e de duas profissionais da educação infantil de uma escola Municipal de Sumé-PB, que em seu quadro de alunos tem uma criança que apresenta o transtorno do espectro do Autismo (TEA), realizada através de uma entrevista semiestruturada.

Através das entrevistas e análises foi possível obter informações sobre a criança autista, o seu diagnóstico, o desenvolvimento, a formação dos profissionais, dificuldades encontradas para a inclusão, a percepção do desenvolvimento desta criança, a organização e apoio da escola e meios para melhor inclusão de crianças especiais.

Desta forma, foi possível averiguar como vem ocorrendo o desenvolvimento da criança autista no âmbito escolar e o processo de inclusão, tanto na questão estrutural como na profissional.

#### **4.2 Análise das Observações**

Através das observações realizadas é possível ter uma visão de como ocorre o processo de desenvolvimento da criança, e como a escola se organiza para melhor incluir crianças especiais.

Durante as observações realizadas na escola municipal de Amparo-PB, nas três observações a criança autista sempre chegava atrasado, a aula começa às 07h00min da manhã, mas ele sempre chega às 08h00min horas, acompanhado por uma tia, que sempre o traz a escola. Entra na sala e deixa sua bolsa na carteira, porém ele não fica na sala, a partir do momento em que a criança autista chega à escola, a monitora fica o tempo todo ao seu lado, prestando um serviço comparado ao de uma babá.

De início se percebe a falta de preparação da monitora e da professora, pois quando a criança autista entra na sala de aula, elas não buscam desenvolver nenhuma atividade que o desperte interesse. O ambiente da sala de aula não oferece nenhum conforto atende 16 crianças “normais”, havendo muito barulho, seus colegas de classe gritam, arrastam cadeiras, abrem janelas, correm dentro da sala de aula e tudo isso gera um grande desconforto para o autista. Ele pouco interage com as demais crianças, mas as demais crianças tentam ter uma interação com ele, porém ele não demonstra interesse.

Na sala de aula o seu comportamento é agressivo muitas vezes, provocado quando alguém se senta na cadeira que fica bolsa dele, quando fecham a porta da sala, em nenhum momento em que estive observando ele se sentou na cadeira ou mesmo ficou dentro da sala de aula.

O período em que a criança autista está presente na escola fica o tempo todo passeando nos corredores, vai à sala, mas sai rápido, fica sentado ao lado do portão da escola, na cozinha e entrando em todas as salas das escolas (e a monitora ao seu lado) percebe-se que encaram este processo inclusivo como de afeto e sensibilidade. Os profissionais participantes desta pesquisa não percebem obrigatoriedade de fazer um melhor trabalho para a criança se desenvolver, no qual poderiam estar desenvolvendo uma atividade para seu aprendizado.

Diante destas observações foi bem perceptível à falta de formação das duas profissionais que o acompanha, onde não sabem ao menos um método que possa chamar a atenção desta criança. A professora tenta um meio de intervir, mas por não ter nenhum preparo fica sem saber agir, aumentando sua preocupação.

Vale salientar que a formação específica dos profissionais assim como de toda a equipe escolar é também uma responsabilidade do Município e do Estado onde deve se buscar políticas públicas que favoreçam a este desenvolvimento em relação a educação inclusiva.

Deste modo percebe-se que escola está excluindo esta criança com TEA, mesmo oferecendo a inclusão de crianças especiais, ela não proporciona a educação como deveria, pelo fato da falta de estrutura física e profissional adequada para melhor inclusão. Em alguns estudos com intuito de analisar as dificuldades encontradas ao incluir crianças especiais, mostra que os professores sentem dificuldades em lidar com os comportamentos agitados das crianças autistas, como também a falta de orientação da equipe escolar com informações sobre o autismo.

Uma pesquisa realizada por Costa (2015) sobre o estudo da inclusão de crianças com espectro autista no ensino regular verifica-se que no presente estudo queo professor para trabalhar com crianças com TGD, necessita de tomar uma postura diferente da que está acostumado, porque esses alunos apresentam um comportamento diferentes dos habituais, estes não tem curiosidade como os demais e nem sabem mesmo que o professor está ali e nem que função ele representa, cabendo ao professor situá-lo e para isso há a necessidade que o professor trabalhe com atividades curtas para que o aluno possa acompanha-lo e também que essa atitude lhe dê coragem para realiza-las.

O estudo de Monteiro (1997), Mantoan (2004; 2008) e de outros autores revelam a impossibilidade de regras na inclusão, especificamente, na inclusão de autistas. Como nos diz Santos (1999, p.12) “temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”, ou, seja, é necessário compreender que as mediações precisam ser diferentes na escola, para que se tenha a igualdade de acesso e de pertencimento à classe, à escola e à sociedade.

Ainda no tocante às observações antes do intervalo escolar à criança autista corre para a cozinha, a monitora o acompanha, os funcionários entregam a merenda oferecida pela escola e a monitora senta com ele em uma mesinha do refeitório, auxiliando na sua alimentação, ao iniciar o intervalo, ele se demonstra desconfortável com o barulho e muitas crianças correndo para um lado e para o outro, quando uma criança senta ao lado dele ele não apresenta nenhuma agressividade, porém não apresenta nenhum afeto ou mesmo alguma interação. O mesmo passa o tempo todo do intervalo ali se alimentando, e sentado.

Quando acaba o tempo do intervalo a criança observada vai a sala pega sua bolsa escolar, dar tchau para a turma e sai da sala, vai para o portão e senta ao lado (ele fez isso nas 03 observações)

Sendo assim, analisando a inclusão desta criança autista percebe-se todos os dias e a mesma rotina ele não fica na sala de aula nenhum momento, fica o tempo todo nos corredores da escola, não é desenvolvido nenhuma atividade educacional com ele, na interação com os demais alunos, quando ocorre, é restrita, todos os alunos se prontificavam a interagir com ele, porém nesses pequenos momentos são perceptíveis os ganhos dessa convivência tais como: aproximação de outros alunos, contato físico através de apertos de mão, tentativa de comunicação por meio da fala e, além disso, essa convivência oportuniza aos demais alunos a interagir com um colega que apresenta diferenças e limitações, mas que deve ser respeitado.

Vale ressaltar que o autista não se comunica verbalmente, onde cabe ao docente utilizar de métodos visuais para criar um meio de comunicação, além de acolher esse aluno de uma forma diferenciada em relação aos outros alunos, para que possa obter informações para alfabetizar e, criar um laço com esse aluno. O docente tem que se adequar à situação do aluno e não o aluno se adequar ao docente ou à sala de aula, o que é válido para toda a escola.

O resultado apresentado neste trabalho teve como base as observações realizadas na escola Municipal de Amparo-PB, com intuito de analisar o processo de desenvolvimento e inclusão para crianças autistas nesta escola.

Com as três observações realizadas foram possíveis ter informações e averiguar como a escola como se organiza para o desenvolvimento e inclusão para crianças autistas nesta escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como o desenvolvimento de uma criança com o transtorno do espectro autista no âmbito escolar e o processo de inclusão/desenvolvimento. No qual para alcançar este objetivo, foi feito um estudo em uma Escola Municipal da cidade de Amparo-PB.

Para obtenção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas que foram realizadas individualmente com a professora, a monitora e a mãe da criança autista. Também foram realizadas observações com a criança (na sala de aula e na hora do intervalo). Para tanto, foi feito um contato prévio com os participantes antes e lhes apresentados os objetivos deste estudo.

As entrevistas assim como as observações proporcionaram uma visão de como a escola promove o desenvolvimento e a inclusão escolar para crianças com TEA. Neste conjunto organizacional obtiveram-se informações sobre os profissionais participantes, os genitores, dados da criança, o desenvolvimento da criança com TEA e o processo de desenvolvimento e inclusão escolar.

Este estudo evidencia que apesar da inclusão escolar ser imposta, não ocorre como é determinada, se encontrando diversas dificuldades, tendo em vista que o processo de inclusão é um desafio no qual a escola deve-se tomar como uma proposta inovadora, que proponha multiplicidades de ações e redes de apoio. Percebe-se que a criança participante deste estudo não tem tido progressos em seu desenvolvimento pois, de um modo geral, verificou-se que há um desconhecimento sobre o que caracteriza o Transtorno do Espectro Autista, por parte dos educadores, o que, por conseguinte, influencia na qualidade das interações sociais que são estabelecidas com a criança.

A escola tem o aluno com necessidades especiais ‘incluído’ na sala de aula regular, mas não desenvolve atividades com ele, não faz com que ele tenha avanços no seu desenvolvimento, tornando excluído de certa forma, pois a mesma não está preparada para incluir a criança na escola. Não há uma formação oferecida aos professores, à estrutura física da escola não está de acordo como o que a lei propõe, comprovando que a lei não se cumpre como deveria, dificultando o desenvolvimento das crianças com autismo. Isto porque, de acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da educação Nacional, no capítulo V a escola assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades e professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado.

Ao realizar este estudo sobre o desenvolvimento significa considerar o processo na sua totalidade em que foi diagnosticado que mesmo a escola não atendendo como deveria esta proporcionando uma interação social, no qual a criança com TEA esta se relacionando melhor com os demais alunos da escola, que isso e considerado positivo neste processo educacional, tendo em vista que a mãe percebe este avanço de seu filho ao se relacionar socialmente. A mesma também busca sempre manter os acompanhamentos de seu filho, levando aos profissionais que o acompanha mensalmente, e também faz uma cobrança diária a direção escolar para qualificações para os profissionais sobre a educação especial assim como material didático que são importantes para o ensino aprendizado das crianças especiais.

Considera-se relevante promover palestras com toda a equipe escolar com a participação de psicólogos e psicopedagogos, com o propósito de melhor compreender sobre o TEA, e como sugestão de novos estudos, destaca-se que sejam realizados estudos sobre a intervenção, o preparo/formação dos professores e a relação família-escola.



## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M.S.L.F. **A interação social e o desenvolvimento Humano.** Temas em psicologia. 3. P.19-28. 1993.
- ALVES, C. **Educação inclusiva no sistema regular de ensino - O caso do município do Rio de Janeiro, 2002.** Disponível em: [http://www.cnotinfor.pt/inclusiva/pdf/Educacaoinclusiva.RJ\\_](http://www.cnotinfor.pt/inclusiva/pdf/Educacaoinclusiva.RJ_) Acesso em 26/08/2017.
- ALVES, M. D. **As representações sociais dos professores acerca da inclusão de alunos com distúrbios globais do desenvolvimento.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Rio grande do Sul, RS, Brasil. 2005.
- ARANHA, M.S.L.F. **A interação social e o desenvolvimento Humano.** Temas em psicologia. 3. P.19-28. 1993.
- ASSUMPCÃO JR, Francisco B; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo Infantil.** p.37-9. Rev. Bras. Psiquiatr, V.22, 2000.
- BACKES, Bárbara. **Regressão da linguagem, desenvolvimento sociocomunicativo e perfil sintomatológico de crianças com transtorno do espectro autístico.** P.78. Dissertação de mestrado. URRGS, Março, Porto Alegre, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Edições 70,Lda: Lisboa – Portugal, 2010.
- BEREOHFF, Ana Maria P., LEPPOS, Analucia S.S. & FREIRE H.V. **Considerações técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do educando portador de condutas típicas da Síndrome do Autismo e Psicoses Infanto-juvenis.** Brasília: ASTECA, 1994 p. 95.
- BEYER, O. H. **Da integração escolar a educação inclusiva: implicações pedagógicas.** In: BAPTISTA, C. et al. (Orgs.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas:**, Porto Alegre: Mediação, 2006.
- BOSA, C. A. **Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v.15, n.1, p.77-88, 2002.

BUENO JGS. **Educação especial brasileira: integração /segregação do aluno diferente**. São Paulo, EDUC/PUCSP, 1993.

COELHO, Madalena; SANTO, Antônia Espírito. **Autismo perda de contato com a realidade escolar**. ACÇÃO DE FORMAÇÃO Nº 07/2006: Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente /Prolongado no contexto da escola inclusiva. p.31. CENFOCAL. Novembro. 2006.

COSTA, Amanda da Silva. **A inclusão de crianças com espectro autista no ensino regular: Um estudo de caso**. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande. Sumé-PB, 2015.

COSTA, Maria Ione Ferreira da; NUNESMAIA, Henrique Gil da Silva. **Diagnóstico genético e clínico do autismo infantil**. p. 24-31. ArqNeuropsiquiatr, 1998.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 18 fev. 2017.

DESSEN, M, A, & ARANHA, M, S, I, F. Padrões de interação social nos contextos familiar e escolar: análise e reflexões sob a perspectiva do desenvolvimento. **Temas em Psicologia**. Ribeirão preto. v.2 n.3, p.73-90, 1994.

DIAS, Fabiano. **Métodos para levantamento de informações na modelagem e análise de processos**. Disponível em: <http://blog.iprocess.com.br/2014/04/metodos-para-levantamento-de-informacoes/> acesso em: 25/08/2016.

FURINI, A.B. **Processo de inclusão na escola regular: panorama de percepções**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, 2011.

GARTON, A. F. **Social Interaction and the development of language and cognition**. Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1992.

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995B.

GOLDBERG, K.; PINHEIRO, L. R. S.; BOSA, C. A. A opção do professor pela área de educação especial e sua visão acerca de um trabalho inclusivo. **Revista Perspectiva**, Erechim, v. 29, p. 59-68, 2005.

GONÇALVES, Nélon. **Desafio: o autista na sala de aula regular**. A diretriz governamental de incluir o autismo no sistema de ensino esbarra no despreparo e desconhecimento. Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/Geral/2014/05/desafio-o-autista-na-sala-de-aula-regular.html>, acesso em 02/02/2017.

HÖHER CAMARGO, S. P.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v.21, n.1, p.65-74, 2009.

HÖHER CAMARGO, S. P.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.28, n.3, p.315-324, 2012.

HARTUP, WW **Relações entre pares**. Em PH Mussen & J. Carmichael (Orgs.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialização, personalidade e desenvolvimento social*. (Pp 103-196). Nova Iorque: John Wiley and Sons, 1983.

HARTUP, WW (1989). **Relações sociais e sua importância para o desenvolvimento**. *American Psychologist*, 44, 120-126.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de asperger: Uma visão geral. p.16. **Rev. Bras. Psiquiatr.** 2006.

LAGO, M. **Autismo na escola: ação e reflexão do professor**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

LAKATOS, E.; MARCONI, M.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA PA. **Educação Inclusiva e igualdade social**. São Paulo; AVERCAMP, 2002.

LIRA, S. M. **Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, N.R; SOUZA, J.A; SILVA, R.V.S.E. **Pesquisas Brasileira em educação física e esporte: Tendências das teses e dissertações.** In: v encontro interno de iniciação científica, IX seminário de iniciação, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar de deficiências mentais: formação de professores.**In:A integração de pessoas com deficiência. Contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo, Memnon, 1997. p. 56.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?.** São Paulo: Moderna, 2004.

MANTOAN, M.T.E. (org.). **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis:Vozes, 2008.

MEAD, G, H. **Mind. Self and society:** From the standpoint of a social behaviorist. Chicago: University of Chicago (Trabalho original publicado em 1934) 1972.

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio: **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?.** Cad. Saúde Pública vol.9 n.3 Rio de Janeiro Jul./Sep. 1993. Disponível em: [http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300002&script=sci_arttext) acessado em 02/05/2017.

NOGUEIRA, S. E. **Autismo e desenvolvimento.** In: SEIDL-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L. F; PÊSSOA, L. F. (Org.). Interação social e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2009. p.191-205.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Estudo de Caso.** Arquivado em: Sociedade. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>. Acesso em 04/06/2016.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

TAMANAHA, Ana Cristina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão sobre a construção dos conceitos do autismo e da síndrome de asperger. Trabalho realizado no Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.** v.13, p.296-299. São Paulo,2008.

RODRIGUES, D. **Perspectivas sobre a inclusão**. Porto: Porto Editora. (2003).

SANCHES, I. E TEODORO, A. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, 8, 63-83.(2006).

SANTOS. B. S. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o póscontratualismo", in Reis, Daniel Aarão et al (org.), **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

SILVA, M.O.E. **Da exclusão à Inclusão**. Revista Lusófona da Educação, 13, p. 135 – 153(2009).

SILVA, E. LUCIA; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, M.L. **Formação de professores que atuam com alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento – Autismo**. **Revista P@rtes** (São Paulo). V.00. P.eletrônica. Agosto de 2009. ISSN 1678-8419. Disponível em <[www.partes.com.br/educacao/tgdautismo.asp](http://www.partes.com.br/educacao/tgdautismo.asp)>. Acesso em 23/02/17.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**.trad. Grossi, Daniel. Porto Alegre: Bookman, p.179. -2. ed. 2001.

**APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO**

## Carta de Apresentação

Eu, Ranieli Batista da Silva, aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFCG, matrícula 716130319, pretendo desenvolver uma pesquisa intitulada O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR E O PROCESSO DE INCLUSÃO, tendo como objetivo identificar o desenvolvimento da criança autista no âmbito escolar, sob a orientação da Profa. Dra. Carolina Silva de Medeiros, a fins de um projeto de pesquisa, para conclusão de curso.

Venho solicitar a autorização para realizar uma pesquisa através da coleta de dados (entrevista/observação) com caráter ético no qual, assegura a preservação da identidade das pessoas participantes, as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas, e não será utilizada em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro.

Agradeço seu tempo e atenção.

---

Ranieli Batista da Silva

(Aluna pesquisadora)

---

Prof. Dra. Carolina Silva de Medeiros

(Orientadora da pesquisa)

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**





CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr(a),

Eu, Ranieli Batista da Silva, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ÂMBITO ESCOLAR E O PROCESSO DE INCLUSÃO, com a finalidade de identificar o desenvolvimento da criança autista no âmbito escolar, sob a orientação da Profa Dra. Carolina Silva de Medeiros.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem qualitativa, no qual o pesquisador necessita de realizar entrevistas e observações, para melhor identificação do desenvolvimento da criança autista.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos, para o seu envolvimento na pesquisa. Esclarecemos que não envolve nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para o pesquisador, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para conclusão do trabalho de curso, e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através das assinaturas abaixo.

---

Ranieli Batista da Silva – estudante pesquisador

Matricula: 716130319

---

Profa. Dra. Carolina Silva de Medeiros – Professora. Orientadora

Matricula: 2143240

Consentimento: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C – ROTEIRO PÁRA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA  
SEMIESTRUTURADA 1**

## ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

### DADOS PESSOAIS DA CRIANÇA

Nome: \_\_\_\_\_  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Sexo: \_\_\_\_\_ Ordem de nascimento: \_\_\_\_\_  
 Naturalidade: \_\_\_\_\_

### DADOS PESSOAIS DOS GENITORES

Nome do  
 pai: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: \_\_\_\_\_  
 Profissão/cargo horária: \_\_\_\_\_  
 Turno que passa fora do lar: \_\_\_\_\_  
 Nome da mãe: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: \_\_\_\_\_  
 Profissão/carga horária: \_\_\_\_\_  
 Turno que passa fora do lar: \_\_\_\_\_

### DADOS FAMILIARES

Renda aproximada: \_\_\_\_\_ familiar  
 Quantas pessoas moram em casa? Quem  
 são? \_\_\_\_\_  
 Quem cuida da criança com  
 TEA? \_\_\_\_\_  
 Número de irmãos/data de nascimento/idade/sexo/escolaridade/série  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**APÊNDICE D – ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI  
ESTRUTURADA 2**

## ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA 2

### DADOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PARTICIPANTE

- Quando e como foi detectado o diagnóstico da criança?
- Como foi sua reação a este diagnóstico?
- Fale-me um pouco sobre o desenvolvimento, e como ocorre o desenvolvimento na linguagem, a socialização, e em termos de comportamento e o desenvolvimento cognitivo?

**APÊNDICE E – ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI  
ESTRUTURADA 3**

## ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

1. Fale-me um pouco de sua formação?
2. No que diz respeito a educação especial a uma preparação oferecida pela escola?
3. Quais suas principais dificuldades encontradas?
4. Como ocorre inclusão de alunos com o diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo?
5. O que você entende por autismo? Qual foi o seu meio de informação?
6. Como você vê o desenvolvimento da criança Autista no ambiente escolar?
7. A escola dispõe de um acompanhamento com psicólogo e psicopedagogos?
8. O que você sugere para melhor incluir esta criança com necessidades especiais e como a escola pode favorecer neste processo?
9. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?